Editorial

Os estudos de memória estão em evidência nas últimas décadas; vários campos do conhecimento a tematizam, a tem como elemento que se correlaciona com a História, a Antropologia, a Neurologia, a Ciência Política, dentre outras. Nesse sentido, os tempos ganham múltiplos sentidos e estão implicados na sua relação com a memória; há memórias de tempos, bem como os tempos na/da memória. Tanto os tempos, quanto as memórias são múltiplas, variadas e com conotações amplas e diversas.

Sabemos que o tempo *presente* da memória depende, em muito, da História; é essa que tem a tarefa de apreender (e *prender*) o acontecido no presente e no passado e, também, garantir de uma forma ou de outra, através da escrita, dos registros, documentos, oralidades, objetualidades, ilustrações, homenagens, comemorações, festejos, rituais, saberes etc, o futuro desse passado.

Há interfaces entre tempos, memória e História. Se pensarmos nas comemorações nacionais, nos processos de seleção dos conteúdos *lembráveis*, nos rituais coletivos, midiáticos, políticos etc., veremos que a memória expressa interesses em jogo (políticos, ideológicos, culturais...) e que há um uso e seleção de memória coletiva, ou seja, não é incomum buscar significados diversos do passado para o uso no presente.

Há múltiplas formas de expressão pública de memórias coletivas; *oficializa-se* a memória; *usa-se* a memória (tanto nas dimensões de lembrança, quanto de esquecimento) como canal político; em razão de circunstâncias, articula-se um passado adequado. Por isso, a memória pode se tornar um elemento central para o campo político e pode estar no centro de um campo de interesses, estratégias e ações.

Na realidade, se formos analisar historicamente, a memória coletiva foi sempre central para o poder público em múltiplos espaços e tempos. Essa esfera busca codificar representações comuns do passado, suas condições de transmissão, seus processos de seleção. Porém, não é só a esfera pública a mediadora e/ou produtora disso. As igrejas, as famílias, os partidos, os sindicatos etc., também podem ser produtores de políticas de memória com os mesmos pressupostos da esfera pública, ou seja, deliberando realidades reguladoras e impositivas de lembrança comuns. É a dimensão política da memória que ordena a (re)produção das lembranças oficiais. Na verdade, o que está em jogo são as representações e reconstruções do passado em sua dimensão histórica; é a arte de governar a memória que deve ganhar conotação pública.

Tendo presente que há processos políticos que *comandam* as lembranças e os esquecimentos, a Revista *História: Debates e Tendências*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, apresenta o dossiê “Políticas de memória e memórias políticas”. Colaboraram diversos pesquisadores de instituições universitárias que têm pesquisado processos políticos de memória e memórias coletivas que ganham, em determinado momento, dimensões políticas.

O texto de abertura do dossiê, da professor Mayara, discute sobre os debates na Assembleia Nacional Constituinte de 1946 em torno da Anistia aos comunistas. A autora revela interesses políticos em conflito, o que deveria ser lembrado e esquecido do período varguista; demonstra as negociações e a gestão de memória, os vínculos entre memória e esquecimento nas acomodações políticas, na relação passado e presente, envolvendo comunistas, anistia, redemocratização etc.

Analisando a sequência temporal e, também, em torno do esquecimento deliberado politicamente, o texto da professora Lorena demonstra a desconsideração em torno do Partido Democrático Cristão (PDC), entre 1945 a 1964, na análise dos estudos sobre o sistema partidário brasileiro. A autora analisa o complexo jogo partidário do período, as múltiplas vinculações do PDC e de seus membros, as alterações e conchavos do período, as agremiações político-ideológicas, inclusive internacionais em que o mesmo se vinculou. Processos de esquecimento deliberado e de seleção de memória foram produzidos em razão dos múltiplos vínculos e representações que o referido partido produziu em sua história.

O texto da professora Federica discute sobre a memória de fascistas italianos que emigraram para a Argentina e ao Brasil em alguns anos após o término da Segunda Guerra Mundial. A autora discute sobre a ambiguidade da identidade dos mesmos, se foram vistos como perdedores ou imigrantes. O esforço da autora está em perceber como eles mesmos se reconhecem no passado vivendo na Argentina, o horizonte político no novo país, suas atuações, inserções em movimentos e associações para se sentirem ainda italianos e manterem vínculos com a pátria-mãe, ou, então, preferindo o esquecimento como forma de acobertamento de uma identidade vivida em tempos recentes. Cenário de anistia, de ser ex-fascista, de imigrante, de uma Argentina Peronista, de um Brasil que se redefinia politicamente após o primeiro governo de Vargas, em seu conjunto, produziram também identidades múltiplas nos mesmos. A autora demonstra que foram várias as formas de “trabalhar o passado” e defender, na medida das situações no novo país, a *italianidade*.

O artigo do Professor Eduardo também aborda formas de interpretação da Revolução de 30 por meio da literatura biográfica de autores com matizes teóricas variadas. O autor demonstra a complexidade e as armadilhas desse recurso na produção de “narrativas coerentes”, de seu forte apego subjetivista no que parece ser relevante registrar. O texto enfatiza as condições de percepção e do pensar dos autores que produzem biografias, suas vinculações político-ideológicas, como fundamentais para o registro do que abordar e para dimensionar múltiplas visões do mesmo fato e do biografado. O texto, além de discutir processos políticos

que são lembrados em torno da Revolução de 30, fornece elementos para discussão em torno da biografia como ferramenta para o conhecimento histórico, suas possibilidades e implicações.

A professora Maria Catarina analisa memórias relacionadas à ferrovia em Santa Maria - RS. Segundo a autora, a ferrovia foi um ponto de integração socioeconômica e cultural na cidade. As falas de entrevistados(as) revelam isso, ou seja, um conteúdo de memória coletiva do trabalho, de sociabilidade, de progresso, de mobilidade e identidade social. Os conteúdos de lembrança adentram muito mais para horizontes do vivido do que em torno da institucionalidade política da época. A autora demonstra que o campo político, em sua longa história no município, deu pouca relevância ao fato, mas na memória de ferroviários, a mesma “permanece repleta de sentidos e sentimentos [...], mesmo que fisicamente o que se vê esteja em sucatas”.

O texto da professora Sandra dialetiza repressão e resistência na memória de mulheres que atuaram politicamente nos movimentos de mulheres, entre os anos de 1960 a 1980, nas cidades de São Paulo e São Luiz do Maranhão. As mulheres lutavam por igualdade de poder, por justiça social num cenário de repressão política e de grande descrédito da luta social feminina. A autora demonstra os processos que teceram as lembranças, em geral, marcadas por silêncios, esquecimentos, ressentimentos, emotividades, ressignificações de vividos e percebidos, contextos sociais reconstituídos, demonstrando a dinâmica da memória que se presentifica e reproduz sentimentos, percepções, re-avaliações e sentidos que o passado re-adquire.

O futebol também marca os horizontes culturais e políticos da memória. O texto do professor Gerson vincula os múltiplos horizontes que o futebol representa na compreensão da sociedade brasileira e da conformação da identidade nacional. O mesmo integra uma memória nacional, a qual, em geral, é politicamente produzida pelo campo acadêmico. O autor dá ênfase à memória do futebol como um processo de construção de memórias sociais e políticas (como instrumento de propaganda e de identidade nacional), de ritual de afirmação de regimes políticos, de condição de brasilidade, de “unidade nacional em torno de um caneco”, de ufanismo com o “pra frente Brasil”.

Por fim, para fechar o dossiê, o professor Tedesco discute sobre a memória política e fenomenológica, centrando na questão do ressentimento, da dialética entre lembrança e esquecimento principalmente na esfera subjetiva e política, do poder político. A ideia do texto é mostrar que há *zonas sensíveis* de produção social e política dos ressentimentos, as quais podem também serem indutoras de realidades de adesão coletiva.

Esta edição também é composta pelos seguintes artigos livres: Anarquistas en Montevideo: ideas y prácticas en torno al “tiempo libre” de los trabajadores (1920-1950), escrito pelo professor Rodolfo Parrini; A participação dos profissionais da medicina na formação da sociedade sul rio-grandense, numa coautoria dos professores Mari Cleise Sandalowski e Renato de Oliveira e Memórias políticas sobre a cisão do PCB e a formação do PCBR no pré-golpe de 64, do professor Éder da Silva Silveira. Encerrando esse número, encontra-se a resenha

elaborada pelo professor Emmanuel Reichert sobre o livro de Nick Robins, *A corporação que mudou o mundo*: como a Companhia das Índias Orientais moldou a multinacional moderna.

Enfim, temos a convicção de que os tempos que constituem a memória são dialetizados e/ou conformados pelos interesses e lógicas que reconfiguram o presente, por isso que as memórias políticas são, acima de tudo, fruto de políticas deliberadas de memória. Ao entendermos assim a memória, poderemos nos despir da representação que, em geral, é produzida em torno dela no sentido de fixidez, de *resgate* puro e simples do passado, de depósito, de algo imóvel, isenta de pré-noções e intencionalidades *externas*.

Desse modo, desejamos que os textos deste dossiê temático, assim como os artigos livres e a resenha, possam contribuir para melhor analisar e compreender a memória em sua dimensão política, produzir mais questionamentos e suscitar novos estudos.

João Carlos Tedesco
Organizador

Editorial

Studies about memories are in evidence over the last decades, various fields of knowledge thematize them and have them as an element which is correlated to History, anthropology, neurology, political science, among others. In this sense, the times get multiple meanings and are implicated in its relation to memory; there are memories of times as well as times on/from memory. Both, times and memories, are multiple, varied and have large and diverse connotations.

We know that the *present* time of memory depends, a lot, on history; and it is this history that has the task of apprehending (and *hold*) the things that happened in the present and in the past, and, also ensure, one way or another, through the writing, records, documents, orality, objectuality, illustrations, tributes, commemorations, festivities, rituals, knowledge etc., the future of this past.

There are interfaces among time, memory and History. When thinking in national celebrations, in the processes of selection of *remembered* contents in collective, mediatic, political rituals etc., we shall see that the memory expresses involved interests (political, ideological, cultural ...) and that there is an use and selection of collective memory, in other words, it is not uncommon seeking different meanings of the past for using in the present.

There are multiple ways of public expression of collective memories; the memory *is made official*, the memory *is used* (both, in the dimensions of remembrance and forgetting) as a political channel; due to the circumstances, is articulated an appropriated past. For this reason, the memory may become a central element in the political field and can be at the center of a field of interests, strategies and actions.

In reality, if we analyze historically, collective memory has always been central to the public power in multiple spaces and times. This sphere intends to codify common representations of the past, their transmission conditions, their processes of selection. However, the public sphere is not the only mediator and / or producer of it. Churches, families, political parties, trade unions etc., Can also be producers of memory policies with the same assumptions of the public sphere, ie, deliberating regulatory realities and realities that impose common memory. It is the political dimension of memory that orders the (re) production of official remembering. Indeed, what is at stake are the representations and reconstructions of the past in its historical dimension, is the art of governing the memory that should gain public connotation.

Bearing in mind that there are political processes that *command* the memories and forgettings, the Journal *History: Debates and Trends*, from Postgraduate Program in History of the University of Passo Fundo, presents the dossier "Policies of memory and political memories". Collaborated various researchers from universities that have researched political processes of memory and collective memories that get, at a particular time, political dimensions.

The opening text of the dossier, from Professor Mayara, discusses the debates in the National Constituent Assembly of 1946 about the amnesty to the communists. The author reveals political interests in conflict, as well as what should be remembered and forgotten from the Vargas period; demonstrates the negotiations and memory management, the links between memory and forgetting in political accommodations, in the past and present relationship, involving communists, amnesty, democratization etc.

Analyzing the temporal sequence and also concerning the politically deliberated forgetfulness, the text of Professor Lorena demonstrates the disregarding concerning the Christian Democratic Party (CDP), from 1945 to 1964, under the bias of the studies on the Brazilian party system. The author analyzes the complex partisan game of the period, the multiple bindings of CDP and its members, the changes and conspiracies of the period, the political and ideological associations, including internationally in which the party was bound. Deliberated processes of forgetting and memory selection were produced due to the multiple links and representations that such party has produced in its history.

The text of Professor Federica discusses the memory of Italian fascists who emigrated to Argentina and Brazil a few years after the end of World War II. The author discusses the ambiguity of their identity, as well as if they were seen as losers or immigrants. The author's effort is directed to understand how they themselves recognize, in the past while living in Argentina, the political horizon in the new country, their actions, inserts into movements and associations in order to still feel Italian and maintain ties with the mother country, or else, preferring forgetfulness as a way to cover up an identity experienced in recent times. Scenario of amnesty, of being ex-fascist, an immigrant, of a Peronist Argentina, of a Brazil that was redefining itself politically after the first Vargas government, as a whole, also produced multiple identities in these Italians. The author demonstrates that were several ways to "work the past" and to defend, in the extent of the situations in the new country, the *Italianness*.

The article of Professor Eduardo also deals with ways of interpretation of the 1930 Revolution through the biographical literature of authors with varied theoretical hues. The author demonstrates the complexity and traps of this resource in the production of "coherent narrative", of their strong subjectivist attachment in what appears to be relevant register. The text emphasizes the conditions of perception and thinking of the authors who produce biographies, their political-ideological linkages, as fundamental elements for the record of what to approach to dimension multiple views of the same fact and the biographed person.

The text, besides discussing political processes that are remembered around the Revolution of 1930, provides elements for discussion on the biography as a tool for historical knowledge, its possibilities and implications.

Professor Maria Catarina analyzes memories related to railroad in Santa Maria - RS. According to the author, the railroad was a point of cultural and socio-economic integration in the city. This is revealed by the interviews speeches, which bring a content of collective memory of work, sociability, progress, mobility and social identity. The contents of remembrance are much more directed to the horizons of what was lived than are about questions related to political institutionality of that time. The author demonstrates that the political field, in its long history in the municipality, gave little relevance to the fact, but in memory of railroaders, it "remains full of senses and feelings [...], even if physically what is seen is on scraps".

The text of Professor Sandra establishes a dialogue between repression and resistance in memory of women who acted politically in women's movements, in the years 1960 to 1980, in the cities of São Paulo and São Luiz do Maranhão. Women fought for equal power, for social justice in a scenario of political repression and expressive discredit of the woman's social struggle. The author demonstrates the processes that have woven the lembranças generally marked by silences, forgetfulness, resentments, emotionality, resignifications of things that are experienced and perceived, social contexts reconstituted, demonstrating the dynamics of memory that becomes present and reproduces feelings, perceptions, re-evaluations and senses that the past re-acquire.

Soccer also marks the cultural and political horizons of memory. The text of Professor Gerson links the multiple horizons that soccer represents in the understanding of Brazilian society and the conformation of national identity. The work integrates a national memory, which, in general, is politically produced by an academic field. The author emphasizes the memory of soccer as a process of constructing social and political memories (as an instrument of propaganda and national identity), of ritual affirmation of political regimes, condition of Brazilianness, of "national unity around a jug", with the boosterism of "forward Brazil".

Finally, to close the dossier, I sign a text that discusses the political and phenomenological memory, focusing on the issue of resentment, of dialectic between remembering and forgetting, mainly on subjective and politics sphere of political power. The idea of the text is to show that there are *sensitive areas* and social and political production of resentments, which can also be inductor of realities of collective adhesion.

Finally, we are convinced that the times that constitute the memory are dialectized and/or conformed by the interests and logics that reconfigure the present, which is why political memories are, above all, the result of deliberated policies of memory. When we understand the memory like this, we can strip ourselves of representation that, in general, is produced around it in the sense of fixity, of pure and simple *rescue* of past, of depositing, of something motionless, free from preconceived ideas and *external* intentions.

In this way, we wish that the text of this thematic dossier, as well as the free articles, can contribute in order to establish a better analysis and understanding of memory in its political dimension, producing more questions and encouraging further studies.

João Carlos Tedesco
Organizer

Editorial

Los estudios de memoria están en evidencia en las últimas décadas; varios campos del conocimiento la tematizan, la tienen como elemento que se correlaciona con la Historia, la Antropología, la Neurología, la Ciencia Política, entre otras. En ese sentido, los tiempos ganan múltiples sentidos y están involucrados en su relación con la memoria; hay memorias de tiempos, bien como los tiempos en la/ de la memoria. Tanto los tiempos, cuanto las memorias son múltiples, variadas y con connotaciones amplias y diversas.

Sabemos que el tiempo *presente* de la memoria depende, en mucho, de la Historia, es esa que tiene la tarea de aprehender (y *prender*) el ocurrido en el presente y en el pasado y, también, garantizar, de una forma u otra, por medio de la escrita, de los registros, documentos, oralidades, objetos, ilustraciones, homenajes, conmemoraciones, fiestas, rituales, saberes, etc. el futuro de este pasado.

Hay interfaces entre tiempos, memoria e Historia. Si pensáramos en las conmemoraciones nacionales, en los procesos de selección de los contenidos *memorables*, en los rituales colectivos, mediáticos, políticos, etc. veremos que la memoria expresa intereses en juego (políticos, ideológicos, culturales...) y que hay un uso y selección de memoria colectiva, o sea, no es insólito buscar significados diversos del pasado para el uso en el presente.

Hay múltiples formas de expresión pública de memorias colectivas; *se oficializa* la memoria; *se usa* la memoria (tanto en las dimensiones de recuerdo, cuanto de olvido) como canal político; en razón de circunstancias, se articula un pasado adecuado. Por esto, la memoria se puede tornar un elemento central para el campo político y puede estar en el centro de un campo de intereses, estrategias y acciones.

En realidad, si fuéramos analizar históricamente, la memoria colectiva fue siempre central para el poder público en múltiples espacios y tiempos. Esa esfera procura codificar representaciones comunes del pasado, sus condiciones de transmisión, sus procesos de selección. Sin embargo, no es solamente la esfera pública la mediadora y/o productora de esto. Las iglesias, las familias, los partidos políticos, los sindicatos, etc. también pueden ser productores de políticas de memoria con los mismos supuestos de la esfera pública, o sea, deliberando realidades reguladoras e impositivas de recuerdo comunes. Es la dimensión política de la memoria que ordena la (re)producción de los recuerdos oficiales. En verdad, lo que está en juego son las representaciones y reconstrucciones del pasado en su dimensión histórica; es la arte de gobernar la memoria que debe ganar connotación pública.

Teniendo en cuenta que hay procesos políticos que *comandan* los recuerdos y los olvidos, la Revista *História: Debates e Tendências*, del Programa de Post-Grado en Historia de la Universidad de Passo Fundo, presenta el dossier “Políticas de memoria y memorias políticas”. Colaboraran diversos investigadores de instituciones universitarias que han pesquisado procesos políticos de memoria y memorias colectivas que ganan, en determinado momento, dimensiones políticas.

El texto de apertura del dossier, de profesora la Mayara, discute los debates en la Asamblea Nacional Constituyente de 1946 acerca de la amnistía a los comunistas. La autora revela intereses políticos en conflicto, lo que debería ser recordado y olvidado del período de Vargas; demuestra las negociaciones y la gestión de la memoria, los vínculos entre memoria y olvido en los acuerdos políticos, en la relación pasado y presente implicando comunistas, amnistía, redemocratización, etc.

Analizando la secuencia temporal y, también, alrededor del olvido deliberado políticamente, el texto de la profesora Lorena demuestra la desconsideración en torno al Partido Democrático Cristão (PDC), entre 1945 a 1964, en el análisis de los estudios sobre el sistema partidario brasileño. La autora analiza el complejo juego partidario del periodo, los múltiples enlaces del PDC y de sus miembros, los cambios y arreglos del periodo, las agremiaciones político-ideológicas, incluso internacionales en las cuales se vinculó el mismo. Procesos de olvido deliberado y de selección de memoria fueron producidos en razón de los múltiples vínculos y representaciones que el referido partido produjo en su historia.

El texto de la profesora Federica discute sobre la memoria de fascistas italianos que emigraron para la Argentina y al Brasil en algunos años después del término de la Segunda Guerra Mundial. La autora discute sobre la ambigüedad de la identidad de los mismos, si fueron vistos como perdedores o inmigrantes. El esfuerzo de la autora está en percibir como ellos mismos se reconocieron en el pasado viviendo en Argentina, el horizonte político del nuevo país, sus actuaciones, inserciones en movimientos y asociaciones para sintieren que todavía eran italianos y mantener vínculos con la patria de origen, o entonces, prefiriendo el olvido como forma de encubrimiento de una identidad vivida en tiempos recientes. Escenario de amnistía, de ser ex fascista, de inmigrante, de una Argentina Peronista, de un Brasil que se redefinía políticamente después del primero gobierno de Vargas, en su conjunto, produjeron también identidades múltiples en los mismos. La autora demuestra que fueron varias las formas de “trabajar el pasado” y defender, en la medida de las situaciones en el nuevo país, la *italianidad*.

El artículo del profesor Eduardo también aborda formas de interpretación de la Revolución de 30, por medio de la literatura biográfica de autores con matices teóricas variadas. El autor demuestra la complejidad y las trampas de ese recurso en la producción de “narrativas coherentes”, de su fuerte apego subjetivista en lo que parece ser relevante registrar. El texto enfatiza las condiciones de percepción y del pensar de los autores que producen biografías, sus vinculaciones político-ideológicas, como fundamentales para el registro de lo que abor-

dar y para dimensionar múltiples visiones del mismo facto y del biografiado. El texto, además de discutir procesos políticos que son recordados en torno de la Revolución de 30, fornece elementos para discusión en torno a la biografía como herramienta para el conocimiento histórico, sus posibilidades e implicaciones.

La profesora Maria Catarina analiza memorias relacionadas a el ferrocarril en la ciudad de Santa Maria – RS. Según la autora, el ferrocarril fue un punto de integración socioeconómica y cultural de la ciudad. Las palabras de los entrevistados(as) revelan esto, o sea, un contenido de memoria colectiva del trabajo, de sociabilidad, de progreso, de movilidad e identidad social. Los contenidos de recuerdos adentran mucho más para los horizontes del vivido que en torno a las instituciones políticas de la época. La autora demuestra que el campo político, en su longa historia en el municipio, confirió poca relevancia al facto, pero en la memoria de los trabajadores ferrocarriles, la misma “permanece repleta de sentidos y sentimientos [...] mismo que físicamente lo que se ve esté deteriorado”.

El texto de la profesora Sandra relaciona represión y resistencia en la memoria de mujeres que actuaron políticamente en los movimientos de mujeres, entre los años de 1960 a 1980, en las ciudades de São Paulo y São Luiz do Maranhão. Las mujeres luchaban por igualdad de poder, por justicia social en un escenario de represión política y de gran descredito de la lucha femenina. La autora demuestra los procesos que tejieran, los recuerdos, en general, marcados por silencios, olvidos, resentimientos, emociones, revisiones de significado del vivido y percibido, contextos sociales reconstruidos, demostrando la dinámica de la memoria que se hace presente y reproduce sentimientos, percepciones, re-evaluaciones y sentidos que el pasado re-adquiere.

El fútbol también marca los horizontes culturales y políticos de la memoria. El texto del profesor Gerson vincula los múltiples horizontes que el fútbol representa en la comprensión de la sociedad brasileña y de la conformación de la identidad nacional. El mismo integra una memoria nacional, la cual, en general, es políticamente producida por el campo académico. El autor enfatiza la memoria del fútbol como un proceso de construcción de memorias sociales y políticas (como instrumento de propaganda y de identidad nacional), de ritual de afirmación de regímenes políticos, de condición de ser *brasilidade*, de “unidad nacional en torno a un trofeo”, de la patriotería del “adelante Brasil”.

Por fin, cerrando al dossier, el profesor Tedesco discute acerca de la memoria política y fenomenológica, centrando en la cuestión del resentimiento, de la dialéctica ente recuerdo y olvido, principalmente en la esfera subjetiva y política, del poder político. La idea del texto es mostrar que hay *áreas sensibles* de producción social y política de los resentimientos, las cuales pueden también ser inductoras de realidades de adhesión colectiva.

Esta edición también es compuesta pelos siguientes artículos libres: Anarquistas en Montevideo: ideas y prácticas en torno al “tiempo libre” de los trabajadores (1920-1950), escrito por el profesor Rodolfo Porrini; La participación de los profesionales de Medicina en la formación de la sociedad en Rio Grande do Sul, en una coautoría de los profesores Mari

Cleise Sandalowski y Renato de Oliveira y Memorias políticas sobre la cisión del PCB y la formación del PCBR en el Pre-golpe de 1964, del profesor Éder da Silva Silveira. Cerrando ese número se encuentra el informe elaborado por el profesor Emannuel Reichert, sobre el libro de Nick Robins, *La corporación que cambió el mundo: como la Compañía de las Indias Orientales moldó la multinacional moderna*.

Así, tenemos la convicción de que los tiempos que constituyen la memoria se relacionan dialécticamente y/o se conforman por los intereses y lógicas que reconfiguran el presente, por esto que las memorias políticas son, especialmente, fruto de políticas deliberadas de memoria. Al entender de esa forma la memoria, podemos abandonar la representación que en general se produjo en torno de ella en el sentido de fijeza, de *rescate* puro y simples del pasado, de depósito, de algo inmueble, libre de pre-nociones e intencionalidades *externas*.

Así, deseamos que los textos de este dossier temático, bien como los artículos libres y el informe puedan contribuir para mejor analizar y comprender la memoria en su dimensión política, producir más cuestionamientos y suscitar nuevos estudios.

João Carlos Tedesco
Organizador